

LUÍS DE BARROS
JOÃO LUÍS CARDOSO
ARMANDO SABROSA

FENÍCIOS NA MARGEM SUL DO TEJO
Economia e integração cultural
do povoado do Almaraz — ALMADA

INSTITUTO ORIENTAL
LISBOA • 1993

Separata do livro *Estudos Orientais*
IV — Os Fenícios no Território Português

FENÍCIOS NA MARGEM SUL DO TEJO

Economia e integração cultural do povoado do Almaraz — ALMADA

por Luís de Barros*
João Luís Cardoso**
Armando Sabrosa***

1. Introdução

Vestígios da 1ª Idade do Ferro e, particularmente, fenícios, no actual território de Almada foram, até ao presente, identificados em cinco locais do Concelho; destes, sobressai o extenso povoado do Almaraz.

Este trabalho tem como objectivo principal a apresentação de uma das cerâmicas mais características do Mundo Fenício recolhidas naquele arqueosítio: a *cerâmica de verniz vermelho*. Trata-se do conjunto mais numeroso até agora dado a conhecer em Portugal.

A economia e bases de subsistência evidenciadas pelo espólio recolhido serão também consideradas; a escolha de esporão sobranceiro ao Tejo foi motivada pela principal actividade desta comunidade, essencialmente voltada para o mar e respectivo comércio.

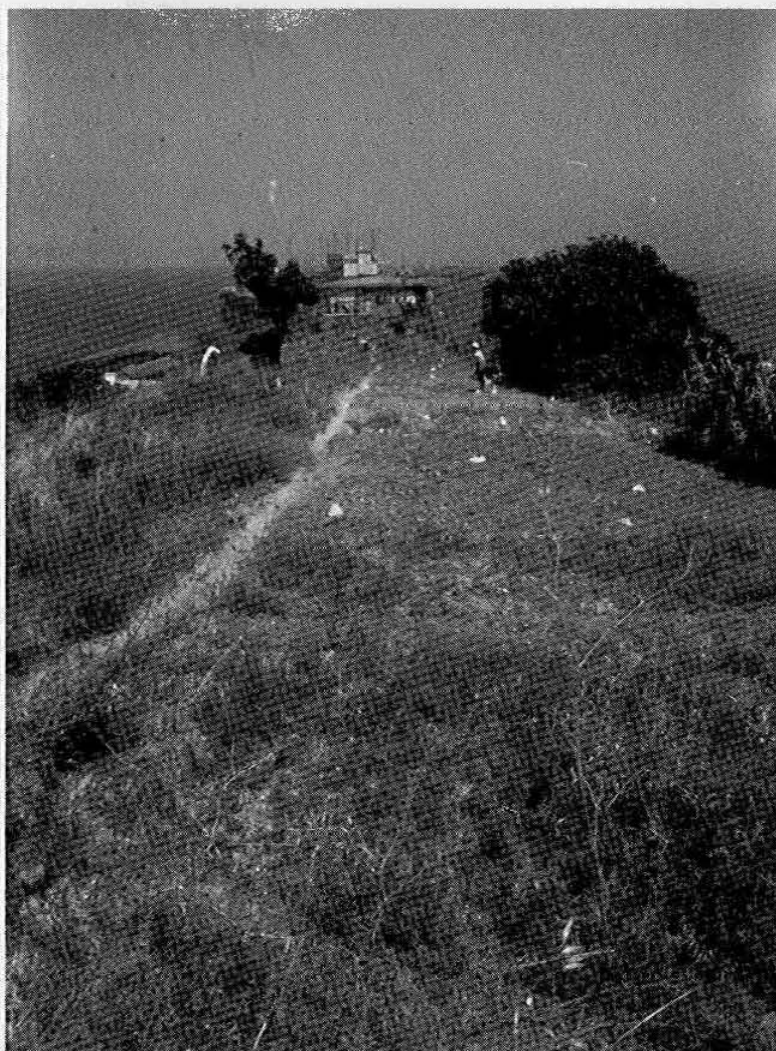
2. Situação e fases de ocupação

A estação arqueológica da Quinta do Almaraz situa-se num esporão sobranceiro ao rio Tejo (Fig. 1 e Fots. 1 e 2), com a altitude média de 50 metros

* Técnico do Museu Municipal de Almada.

** Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras. 2780 Oeiras.

*** Centro de Arqueologia de Almada — Apartado 103 (Pragal) 2801 Almada.



For. 1 — Vista parcial do Almaraz, observando-se a plataforma inferior, com ocupação da I Idade do Ferro

(máxima de 60 m e mínima de 35 m), delimitado a Norte e a Este pela arriba, a Sul por uma encosta de declive acentuado que morre num vale bem definido que confina com o morro de Cacilhas e a Oeste por uma encosta suave que sobe em direcção ao castelo de Almada. A sua situação geográfica permite dominar toda uma vasta área que se estende desde a bacia vestibular à foz do rio Tejo e às planícies a montante e da serra da Arrábida a Sul à serra de Sintra a Norte. Trata-se pois de um local com boas condições naturais de defesa que, complementadas por uma estrutura defensiva identificada a Sul, o tornariam de muito difícil penetração.

A matéria-prima para a construção encontrava-se disponível no local — calcários e rochas carbonatadas do Miocénico marinho, que constituem o



For. 2 — Aspecto da escavação do QU45.3 (fossa de detritos); em segundo plano o estuário do Tejo e Lisboa

substrato geológico. Estas rochas foram até há pouco tempo exploradas na zona, como demonstra o topónimo *Pedreira*. Apesar disso, alguma da matéria-prima utilizada nas estruturas do Almaraz deve ser proveniente de recolhas efectuadas nas praias fluviais (sobretudo o basalto, o granito e o xisto); a presença destes materiais será adiante discutida.

A localização privilegiada do Almaraz fez com que, pelo menos, no Calcolítico médio (no chamado «*Horizonte*» da *Folha de Acácia*) e no Bronze Final até à 2.^a Idade do Ferro o local tivesse sido escolhido como *habitat*.

3. Trabalhos realizados

Identificado em 1986 por um dos autores (L.B.) e José Manuel de Sousa, a estação foi alvo de uma prospecção sistemática, realizada um ano depois e que permitiu recolher informações relativas à dispersão e concentração de materiais por tipos e por áreas. Foi a partir destes dados que se delineou a intervenção de 1988. Contudo, e dados os limites impostos pelas

inúmeras hortas existentes no local, fomos obrigados a optar pelas áreas mais próximas da arriba; limitados assim, escolhemos três locais que, pelas recolhas de superfície, nos pareciam poder corresponder a diferentes realidades.

A quadrícula com 10 m de lado acabou por ser subdividida em função dos locais de implantação, efectuando-se a escavação por níveis artificiais de 10 cm.

A zona Oeste, Q. R33, situada na plataforma mais elevada (cerca de 60 m) deveria, em função dos materiais recolhidos à superfície, corresponder à ocupação do Bronze Final (Fig. 1) mas, ainda que isso correspondesse de facto à realidade, a presença meramente residual da camada arqueológica não remexida não permitiu recolher grande informação: neste quadrado, apenas no lado Sul uma fina camada de escassos cm e, em especial, conservada em cavidades do substrato geológico, se conservava. As cerâmicas recolhidas *in situ*, muito escassas, eram na totalidade de fabrico manual, e atribuíveis ao Bronze Final, sendo as formas mais comuns a taça carenada e o esférico.

Na zona central, situada à cota dos 50 m, foram abertos dois quadrados (T41.4 SE - T42.3 SO) que revelaram duas realidades distintas; enquanto que no primeiro a rocha quase aflorava e não havia camada arqueológica, no segundo e mais precisamente no canto SE o substrato geológico só foi alcançado a cerca de 1,30 m de profundidade, atingindo a camada arqueológica cerca de 0,40 m. Neste quadrado identificou-se um muro, em parte implantado no substrato geológico, que para tal foi escavado, mas cuja função se desconhece, dado o pequeno troço descoberto.

Na área mais a Este, a uma cota próxima dos 40 m, foi escavado o Q.U45.3, situado sobre a falésia e num local onde era visível uma fossa escavada no substrato geológico. De um modo geral a camada arqueológica estava bem conservada, sem grandes destruições, atingindo cerca de 1,40 m de potência.

Para além da estrutura já visível antes do início do trabalho — a fossa escavada no substrato geológico (Fot. 3)— apareceram alguns pequenos troços de muros feitos de pedra seca cuja função também devido à exiguidade do espaço não foi possível determinar; alguns deles, após o desenho, foram levantados a fim de permitir atingir a fossa escavada no substrato geológico. Dado o facto de ser deste local que provém a quase totalidade da *cerâmica de verniz vermelho* será sobre ele que se desenvolverão as seguintes observações sobre a estratigrafia, as estruturas e o espólio.

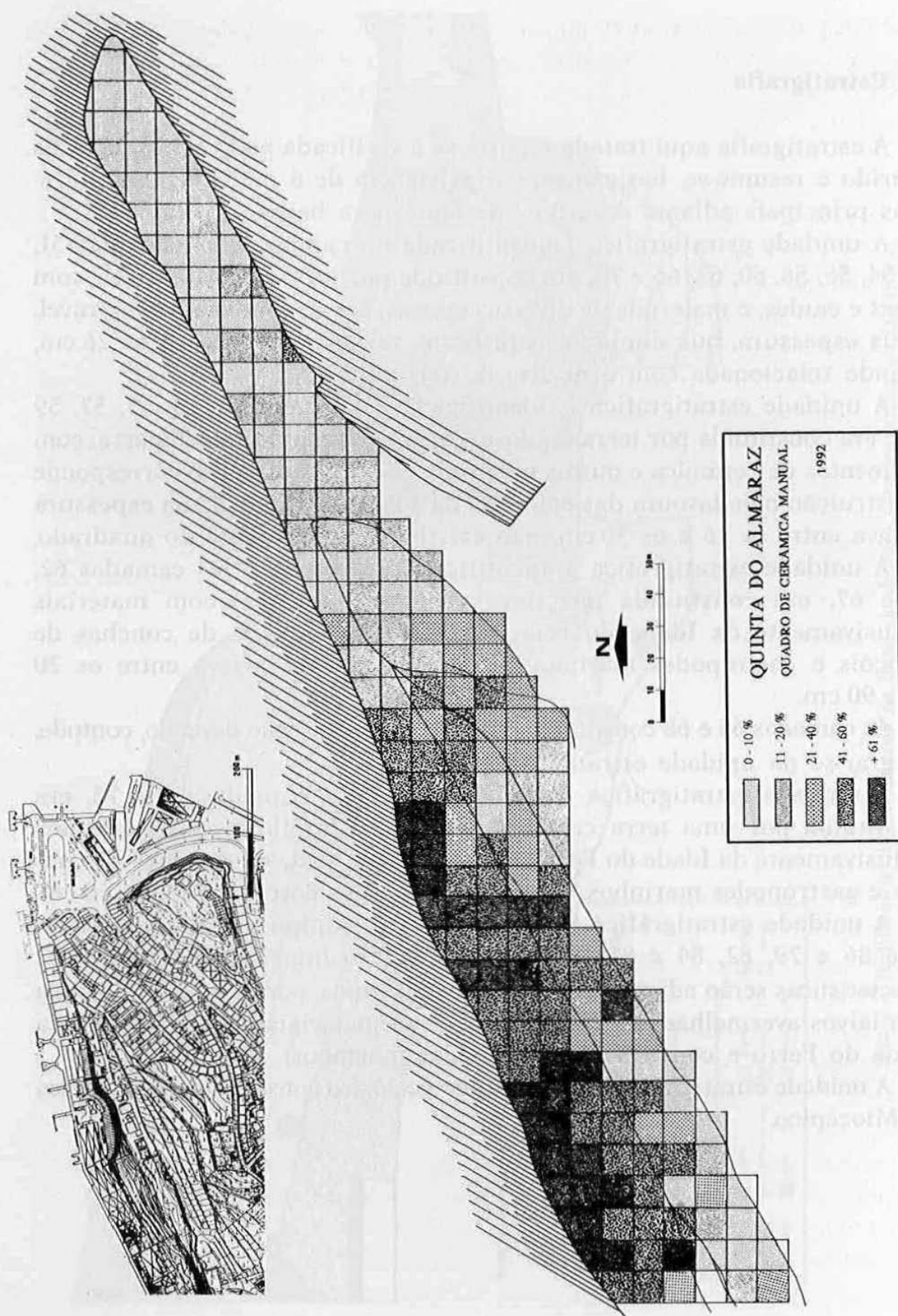


FIG. 1 — Distribuição do achados de superfície do Bronze Final e da Idade do Ferro segundo a quadricula elementar de 10 m de lado

4. Estratigrafia

A estratigrafia aqui tratada reporta-se à verificada no Q. U45.3, já atrás referido e resume-se, basicamente, à existência de 6 unidades estratigráficas principais adiante descritas, de cima para baixo (Fig. 2).

A unidade estratigráfica 1, identificada no campo pelas camadas 51, 52, 54, 56, 58, 60, 63, 66 e 70, era constituída por terra cinzenta, solta, com raízes e caules, e materiais de diversas épocas; correspondia ao solo arável. A sua espessura, que diminuía para Leste, variava entre os 7 e os 26 cm, estando relacionada com o declive do terreno.

A unidade estratigráfica 2, identificada pelas camadas 53, 55, 57, 59 e 61, era constituída por terra argilosa, castanho amarelada, compacta, com fragmentos de cerâmica e outros materiais de épocas diversas; corresponde à destruição pela lavoura das camadas da Idade do Ferro. A sua espessura variava entre os 16 e os 50 cm, não existindo no lado Este do quadrado.

A unidade estratigráfica 3, identificada no campo pelas camadas 62, 64 e 67, era constituída por terra castanha, argilosa, com materiais exclusivamente da Idade do Ferro e grande quantidade de conchas de caracóis e gastrópodes marinhos. A sua espessura variava entre os 20 e os 90 cm.

As camadas 65 e 68 constituem em plano uma variação devendo, contudo, integrar-se na unidade estratigráfica 3.

A unidade estratigráfica 4, identificada pelas camadas 72 e 75, era constituída por uma terra castanho amarelada, argilosa, com materiais exclusivamente da Idade do Ferro e grande quantidade de conchas de caracóis e gastrópodes marinhos. A espessura variava entre os 30 e os 60 cm.

A unidade estratigráfica 5, identificada no campo pelas camadas 78, 81 e 86 e 79, 82, 84 e 85, correspondia ao enchimento da fossa cujas características serão adiante referidas; era constituída, por uma terra castanha com laivos avermelhados, mais arenosa, com materiais exclusivamente da Idade do Ferro e conchas de gastrópodes marinhos.

A unidade estratigráfica 6 é o substrato geológico constituído por calcários do Miocénico.

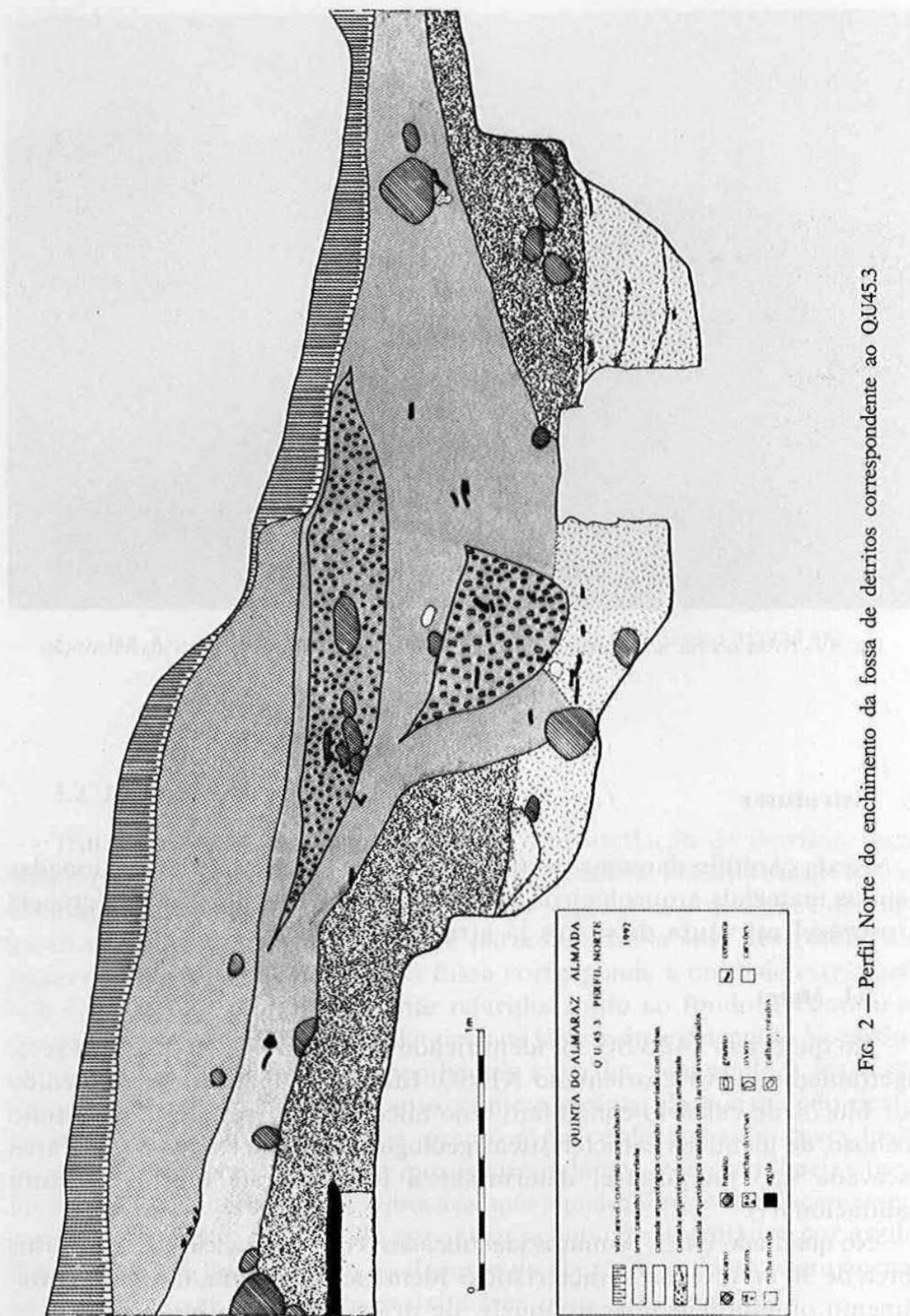


Fig. 2 — Perfil Norte do enchimento da fossa de detritos correspondente ao Q.U.45.3



FOT. 3 — Fossa aberta no substrato geológico, evidenciada na arriba, antes da escavação

5. Estruturas

Neste capítulo daremos particular atenção às estruturas relacionadas com os materiais arqueológicos agora estudados, fazendo breve referência à provável estrutura defensiva já atrás mencionada.

5.1 Muros

No quadrado T42.3 SO, foi identificado um muro (Fot. 4) de pedra seca, ligeiramente curvo e orientado NE/SO. Era quase totalmente construído por blocos de calcário conquífero cujo alicerce foi escavado no substrato rochoso, de idênticas características geológicas. Dada a exiguidade da área escavada não foi possível determinar a função deste muro (estrutura habitacional?).

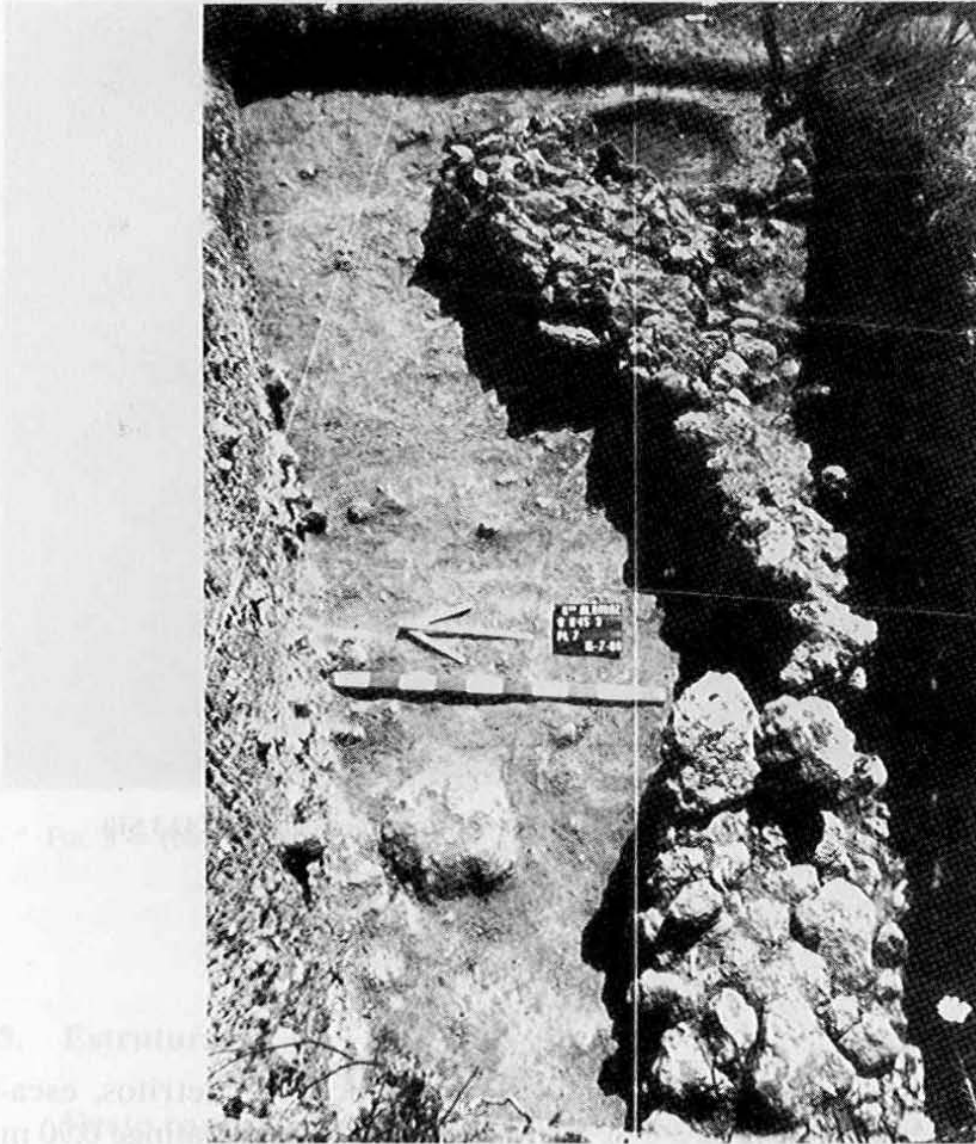
No quadrado U45.3, os muros identificados (Fot. 5), distanciados do anterior cerca de 30 m, revelam características idênticas. Apresentam um desenvolvimento oblíquo em relação àquele, de orientação Este/Oeste.



FOT. 4 — Muro de pedra seca implantado no substrato geológico (QT42.3 SE)

5.2 Fossa

Trata-se de uma estrutura destinada à acumulação de detritos, escavada no substrato geológico (Fot. 3 e 6). A profundidade máxima atinge 0,90 m e o diâmetro máximo da boca, de contorno elíptico, os 3 m. Esta estrutura foi só parcialmente escavada, já que parte dela tinha sido destruída pelo recuo da arriba. O enchimento da fossa corresponde à unidade estratigráfica 5, tal como foi anteriormente referido. Junto ao fundo encontrou-se um muro (Fot. 7) de pedra seca, idêntico aos já descritos, orientado Norte/Sul, ou seja, aproximadamente perpendicular à arriba, separando a fossa em duas partes iguais. Será, portanto, contemporâneo da construção desta. Levantaram-se algumas dúvidas quanto à época de abertura desta fossa relativamente à construção dos muros circundantes. Pelas evidências recolhidas aquando da escavação, é provável que aqueles muros se relacionassem com um pavimento constituído por seixos achatados cimentados por argila. Este pavimento foi destruído no decurso da abertura da fossa, visto apenas se conservar em área muito restrita (ver nota 1, da pág. 167).

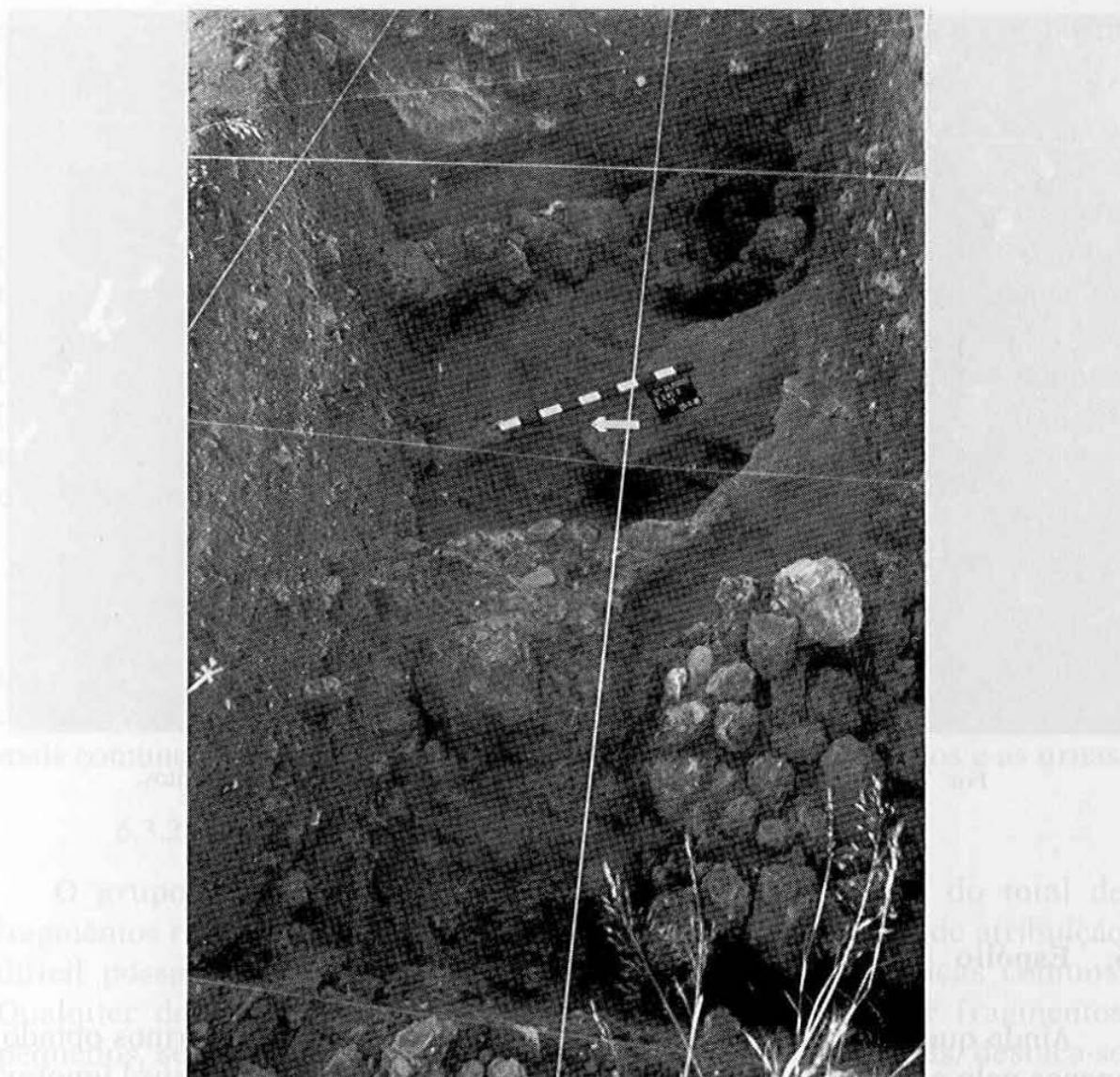


For. 5 — Muro de pedra seca identificada no Q.U45.3

5.3 Muralha

Do lado Sul do esporão, observa-se um muro de pedra seca, arqueado, que parece defender o flanco, que constituiria uma zona de acesso ao rio.

Porém, do lado de mais fácil acesso, a Poente, ainda não se identificaram estruturas compatíveis. Encontra-se em parte soterrado, incluindo na sua fábrica, blocos de basalto, de granito e de xisto, para além dos de calcário conquífero do Miocénico (que são os mais abundantes). Tal facto reforça a hipótese de se tratar de uma estrutura da Idade do Ferro, já que



For. 6 — Aspecto geral do QU45.3 vendo-se a fossa de detritos após a escavação; mesma estrutura representada na fot. 3.

os mesmos materiais ocorrem noutras daquela época. Esta construção assentou directamente no substrato geológico, o qual por vezes constitui escarpa, defendendo naturalmente o povoado.

Situações idênticas à descrita foram identificadas em Alarcón (SCHUBART, 1988b), onde se observa um lanço de muralha com cerca de 120 m de comprimento por 4/5 m de largura, integrável numa fase tardia do povoado, cerca de 600 a.C.; o mesmo acontece no Castillo de Doña Blanca (MATA, 1988), e no Castelo de Alcácer do Sal (SILVA *et alii*, 1980-1981).

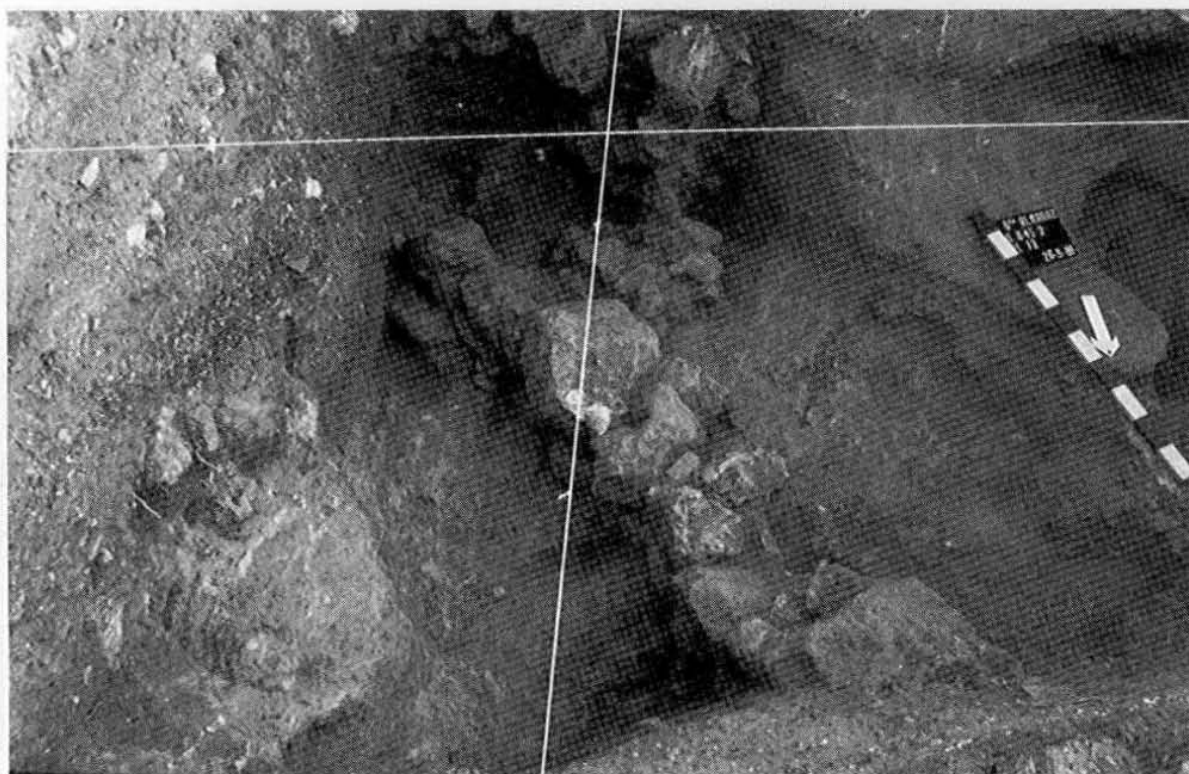


FIG. 7 — Muro de pedra seca construído no fundo da fossa de detritos separando-a em duas partes

6. Espólio

Ainda que o trabalho incida sobre a presença fenícia e de termos optado apenas pelo estudo das cerâmicas de *verniz vermelho*, não é possível ignorar todo um conjunto de materiais que permitem um melhor enquadramento da estação e fornecem elementos definidores da economia e bases de subsistência.

6.1 *Metalurgia e metais*

Há a referir o aparecimento de anzóis, com e sem barbeta, agulhas, fragmentos de fíbulas e uma pinça de bronze. Foram igualmente recolhidos fragmentos de cadinhos, de fundição de bronze e de ferro.

6.2 *Vidro*

Os objectos de vidro são escassos; para além de dois bordos de pequenos recipientes de vidro, foram encontradas três contas, sendo uma oculada

em pasta de vidro azul, amarela e branca, uma conta esférica em pasta de vidro branco e uma discóide em gomos, de vidro azul.

6.3 Cerâmica (Quadro 1)

O espólio cerâmico é de longe o mais representado no Almaraz e particularmente no quadrado U45.3 correspondente à fossa escavada. O total das cerâmicas recolhidas entre as camadas 62 e 86 (excluem-se apenas as que se recolheram nas camadas superficiais) é de 21 947 fragmentos. Em termos percentuais, a classe mais numerosa é a da chamada cerâmica comum (*sensu lato*) que inclui todos os fragmentos que não foi possível atribuir a outra classe, por não possuírem pintura ou engobe ou outros elementos com interesse na classificação.

6.3.1 Cerâmicas cinzentas

As cerâmicas cinzentas constituem o grupo específico mais numeroso, com 17,8% do total de fragmentos recolhidos, isto é 3 899. Não tendo sido ainda alvo de um estudo aprofundado, é possível já afirmar que as formas mais comuns presentes no Q.U45.3 são as taças, os potes carenados e as urnas.

6.3.2 Ânforas e pithoi

O grupo das ânforas e *pithoi* representa cerca de 4% do total de fragmentos recolhidos, ainda que muitos fragmentos de panças de atribuição difícil possam ter sido contabilizados no grupo das cerâmicas comuns. Qualquer destes grupos é constituído, na generalidade, por fragmentos pequenos, sendo difícil reconstituir qualquer peça. Das ânforas, destaca-se uma peça que se encontrava sob um muro e que correspondia a cerca de metade de um exemplar engobado e com pintura geométrica. Das restantes peças com pintura, todas possuem desenhos geométricos com cores que vão do branco ao vermelho pompeiano, passando pelas cores terrosas, ao preto.

6.3.3 Cerâmicas comuns

Como já atrás ficou dito, este corresponde ao maior grupo de cerâmicas recolhido. As formas mais numerosas são os potes e panelas com e sem asa.

6.3.4 Cerâmicas manuais

Este pequeno grupo de cerâmicas, 3,6% do total, é composto, sobretudo, por pequenos fragmentos o que dificulta a recuperação de formas.

Quadro 1
DISTRIBUIÇÃO DOS TIPOS CERÂMICOS PELAS CAMADAS DO Q.U.45.3 (FOSSA DE DETRITOS)

Camadas	Cerâmica manual	Cerâmica comum	Verniz vermelho	Cerâmica pintada	Cerâmica decorada	Cerâmica cinzenta	Ânforas	Cerâmica grega/ática	TOTAL
62/64 e 67	194 4,5%	2905 67,8%	358 8,3%	84 2,0%	8 0,2%	724 16,9%	16 0,3%	0 0%	4298 100%
65 e 68	36 4,7%	592 77,2%	45 5,9%	20 2,6%	4 0,5%	67 8,7%	2 0,3%	1 0,1%	767 100%
72 e 75	51 1,3%	2775 71,8%	209 5,4%	120 3,1%	11 0,3%	679 17,6%	18 0,5%	0 0%	3863 100%
78/81 e 86	55 4%	769 56,7%	160 11,8%	51 3,8%	4 0,3%	316 23,3%	1 0,1%	0 0%	1356 100%
79/82/84 e 85	75 3,5%	1251 58,5%	279 13%	184 8,6%	11 0,5%	334 15,6%	7 0,3%	0 0%	2141 100%
BANQUETA C. 3/4	213 5,8%	2018 55,2%	425 11,6%	139 4%	13 0,4%	805 22%	38 1%	1 0,1%	3652 100%
BANQUETA C. 5	34 3,6%	558 60,1%	127 13,8%	32 3,4%	1 0,1%	175 18,9%	1 0,1%	0 0%	928 100%
MURO	144 3%	3493 70,6%	323 6,5%	108 2,2%	23 0,5%	799 16%	61 1,2%	0 0%	4591 100%
TOTAL	802 3,6%	14361 65,4%	1926 8,8%	738 3,4%	75 0,3%	3899 17,8%	144 0,6%	2 0,1%	21947 100%

6.3.5 Cerâmicas de verniz vermelho (Quadro 2)

As cerâmicas de verniz vermelho correspondem a 8,8% do total das cerâmicas recolhidas. Tomando como referência o estudo de RUFETE TOMICO (1988/89) para Huelva foi possível considerar as seguintes formas principais:

Pratos — o principal elemento definidor é a largura do bordo. Os exemplares do Almaraz dividem-se pelos três tipos definidos para a região de Huelva — P1, P2 e P3; a distribuição é a seguinte:

- Pratos até 35 mm de largura do bordo — 2 exemplares;
- Pratos até 55 mm de largura do bordo — 4 exemplares;
- Pratos com largura de bordo superior a 55 mm — 12 exemplares.

Do ponto de vista estratigráfico verifica-se que os de bordo de maior largura tanto aparecem na camada mais profunda (camada 86) como nas mais superficiais (61,67, etc.) coexistindo mesmo com o exemplar de bordo mais estreito (23 mm), considerado mais antigo. Esta situação parece confirmar observações feitas em Huelva, em que até aos níveis mais recentes se verificou a sobrevivência de pratos com o bordo estreito, a par de exemplares com o bordo cada vez mais largo.

Taças — Reconheceram-se duas formas principais:

1) a taça carenada, subdividida em: — taças com carena bem marcada e paredes bicôncavas (Tipo A) (que não têm equivalência em Huelva e Toscanos, nem nas jazidas portuguesas, ao que sabemos, e que são uma parte importante do conjunto de taças) e: — taças com carena menos marcada e parede convexa (Tipo B) com abundantes paralelos em Espanha (forma C 3b de Huelva).

2) a taça em calote, de bordo não espessado ou ligeiramente espessado, também com paralelos na região de Huelva e em colónias fenícias da costa andaluza e levantina; esta forma tem equivalente nos pratos de cerâmica cinzenta, em que é muito frequente. Em Almaraz, no contexto das cerâmicas de verniz vermelho, é escassa.

Outras formas

1) 2 bordos em aba (MMA 4044 e 4119), poderiam corresponder a um recipiente completo do tipo do encontrado em La Joia (ORTA & GARRIDO, 1963, fig. 13), ou na necrópole de Setefilla (MOTES & AUBET, 1981, Fig. 27, nº 1; Fig. 41, nº 4), tal como outros recolhidos na região de Huelva (V1), dados como de forma desconhecida.

Quadro 2

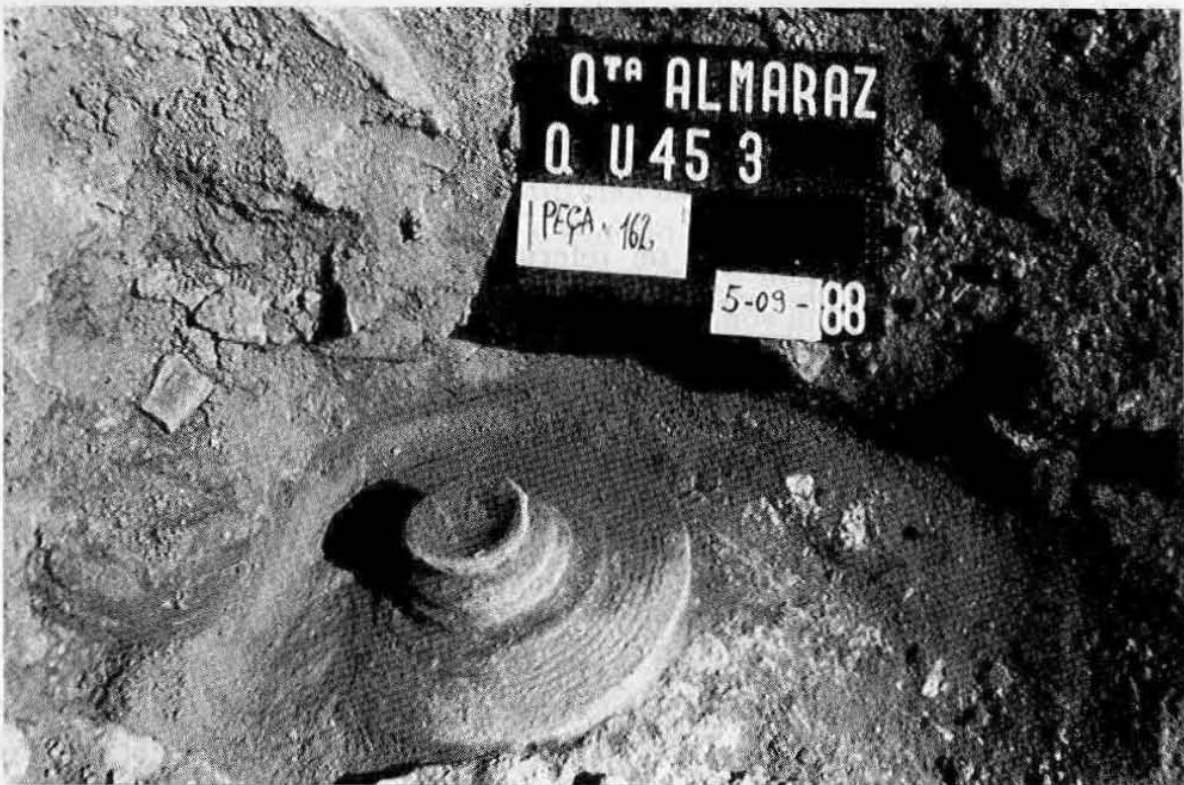
DISTRIBUIÇÃO ESTRATIGRÁFICA NA FOSSA DE DETRITOS DAS CERÂMICAS DE VERNIZ VERMELHO (Q.U45.3)

	PRATOS	TAÇAS	FORMAS FECHADAS	OUTRAS	FORMAS		FRAGMENTOS		ÍNDICE DE RECUPERAÇÃO DE FORMAS
					Total	Total			
CAMADAS 62/64 e 67	22	45	2	1	70	358	19,5%		
CAMADAS 65 e 68	2	9	0	1	12	45	26,6%		
CAMADAS 72 e 75	19	36	3	2	60	209	28,7%		
CAMADAS 78/81 e 86	15	40	3	0	58	160	36,2%		
CAMADAS 79/82/84 e 85	44	50	5	0	99	279	35,5%		
BANQUETA C. 3/4	58	101	12	1	172	425	40,5%		
BANQUETA C. 5	12	25	0	0	37	127	29,1%		
MURO	17	46	0	4	67	323	20,7%		
TOTAIS	189	352	25	9	575	1926	Média 29,8%		
RECOLHAS DE SUPERFÍCIE	45	54	2	0	101	307	32,9%		

2) outros bordos (MMA 5341), espessados ou não, de perfil em S mais ou menos acentuado corresponderiam, também, a recipientes fechados (forma V2 de Huelva).

3) outros bordos (MMA 4614, 4828, 5182 e 5305) deveriam corresponder a peças tipo urna de bordo esvertido, sem paralelo nas tabelas de formas de Huelva.

4) reconheceu-se uma forma até agora única (Fots. 8 e 9) no contexto fenício da Península Ibérica. Trata-se de uma taça de pé, possuindo zona central uma depressão funda e circunscrita. Esta forma pode estar, por um lado, na origem dos pratos de pescado, que em Alcácer do Sal se encontravam nas camadas imediatamente sobrepostas às do século VII a.C. A forma mais próxima corresponde a uma taça de pé, com pintura de bandas, da necrópole de Medellin — embora o perfil seja diferente— atribuída ao início do século VI a.C. (ALMAGRO-GORBEA, 1977, lámina 70; ALMAGRO-GORBEA, 1990). Outra taça com pé foi recolhida na necrópole de Setefilla. O interior não mostra qualquer depressão; segundo MOTES & AUBET (1981, 89, 144) poderá inspirar-se em protótipo ródio, dos finais do



FOR. 8— Taça de pé, fotografada «in situ» na camada 82 da fossa de detritos



FOT. 9 — Vista da taça de pé da fot. anterior

séc. VII, inícios do séc. VI a.C. O interior é de verniz vermelho, análogo ao dos restantes pratos e o exterior exhibe pinturas de bandas vermelhas e negras.

5) a título de curiosidade, de referir um recipiente (Fot. 10) (urna ?) moldado, com uma quilha axial, e duas orelhetas perfuradas, uma de cada lado. Seria o casco de um barco, como sugere um esboço de costilhas laterais ?

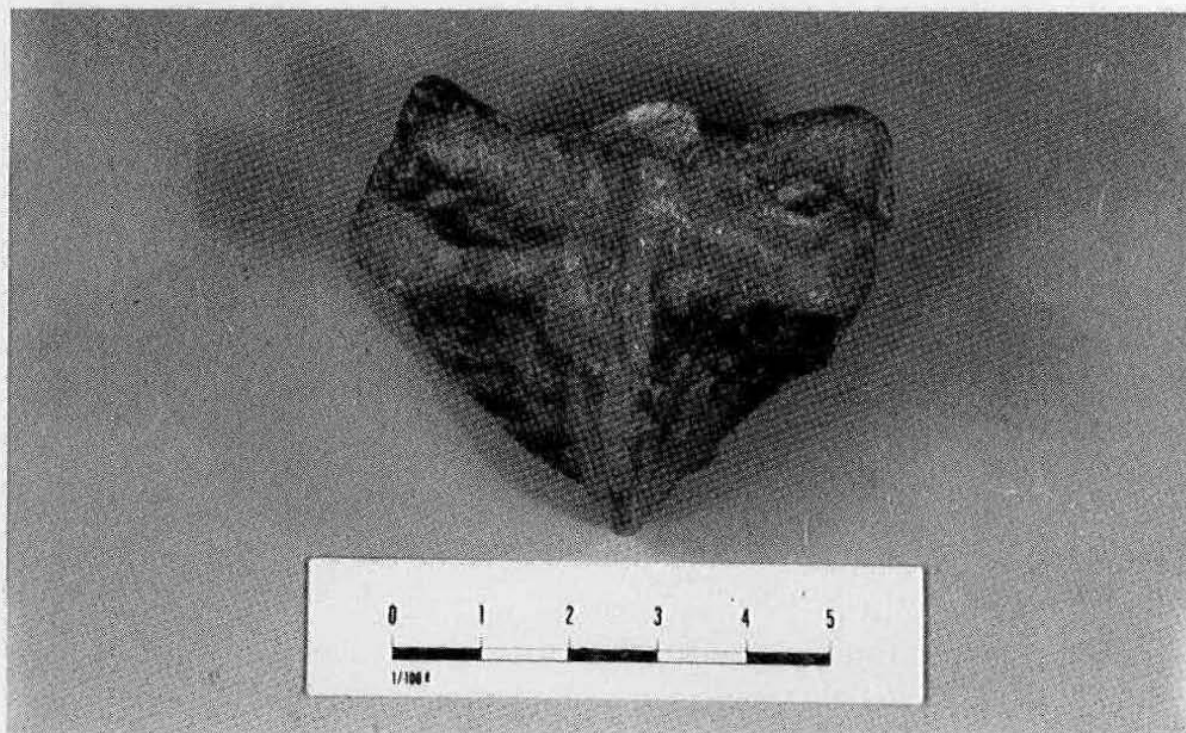
Esta peça foi mostrada por um de nós (J.L.C.) a H. Schubart (Madrid, Setembro de 1989), que declarou não lhe conhecer paralelos.

7. Fauna

7.1 *Fauna mamalógica*

A fauna estudada corresponde à recolhida nas seguintes camadas de Q.U45.3: 62/64/67; 65/68; 72/75; 78/79/81/82/84/85/86; banquetta c. 3/4 e 5; muro.

De momento, apresentaremos apenas os resultados preliminares obtidos, referentes à fauna coeva da cerâmica de verniz vermelho. Um estudo mais



For. 10 — Recipiente de cerâmica de verniz vermelho moldada, com orelhetas

pormenorizado, incluindo o inventário de todos os materiais, será publicado ulteriormente.

Não se consideraram as esquirolas e outros fragmentos cuja classificação, por morosa, ultrapassaria o âmbito desta primeira nota. Não é certo, por outro lado, que a sua consideração viesse a modificar, substancialmente, o espectro faunístico obtido. Como em trabalhos anteriores (CARDOSO, neste volume), não se tentou o cálculo do número mínimo de indivíduos (NMI); as percentagens foram, apenas, baseadas no número total de restos classificáveis (NTR) cuja determinação, além de mais expedita, parece fornecer resultados mais próximos da realidade, sobretudo quando se trata de conjuntos pouco numerosos, como no caso em apreço. Com efeito, demonstra-se que o «número total de restos» (NTR) é proporcional ao número real de indivíduos, o que já não acontece com «número mínimo de indivíduos» (NMI). Os dois índices estão relacionados por uma equação do tipo: $NMI = \sqrt{NTR}$, exprimindo uma relação não linear (DUCOS, in DELPECH, 1973).

Artiodactyla Owen, 1848

Cervidae Gray, 1821

Cervus elaphus L., 1748

Apenas se identificou uma primeira falange de veado, recolhida na camada 64 (0,2%).

Bovidae Gray, 1821

Bos taurus L., 1758

Restos de boi doméstico ocorrem em todas as camadas: trata-se de uma das espécies mais abundantes. Foram identificados 125 restos, correspondentes a 30,5% do total.

Capra hircus L., 1758

Ovis aries L., 1758

Cabra e ovelha foram consideradas em conjunto. Porém, a presença das duas espécies está documentada separadamente. Os 275 restos identificados correspondem a 65,6% do total.

Perissodactyla Owen, 1848

Suidae Gray, 1821

Sus scrofa L., 1758

Apenas dois restos de javali, um deles correspondente a mandíbula completa (0,5%).

Equidae Gray, 1821

Equus caballus L., 1758 ou *Equus asinus* L., 1758

O cavalo ou burro doméstico está comprovado em Almaraz. Identificou-se uma mandíbula, de macho adulto (presença de colmilhos) que foi deixada *in situ* por aflorar na superfície do corte (Fot. 11). Esta peça corresponde a 0,2% dos restos identificados.

Lagomorpha Brandt, 1855

Leporidae Gray, 1821

Oryctolagus cuniculus (L.), 1758

Ao coelho, certamente doméstico atendendo ao carácter quase exclusivamente doméstico do espectro faunístico, correspondem 13 dos 419 restos identificados (3,1%).



FOR. 11 — Vista parcial do corte Sul da fossa de detritos do QU45.3, observando-se heminandíbula de equídeo, danificada pela queda de um bloco

A fossa de detritos escavada no povoado do Almaraz, naturalmente favorável à acumulação de materiais faunísticos em contexto fechado e em curto espaço de tempo, oferece as condições ideais para entrevermos os hábitos alimentares das populações da 1.^a Idade do Ferro que utilizaram as cerâmicas de verniz vermelho, a cujos restos se encontravam associados, como já antes referimos.

A existência de ossos queimados, demonstra a prática de churrascos, a par do hábito de lançar os restos para as lareiras; só assim se compreende o elevado grau de incarbonização de alguns exemplares.

Predominam largamente as espécies domésticas. A maior representação numérica é a dos ovicaprinos (275 restos, 65,6% do total). Porém, considerando a corpulência do boi doméstico, os 128 restos identificados (30,5% do total) correspondem a um peso de carne muito superior, de sete a nove vezes, mesmo considerando raças bovinas não melhoradas, pelo que é lícito concluir que era esta a espécie mais importante na dieta. Tal facto demonstra, por outro lado, o carácter permanente, ao longo do ano, da ocupação deste arqueossítio. A estas espécies, junta-se, muito acessoria-

mente, o coelho, também ele certamente doméstico. A caça teria um papel insignificante: apenas foi identificado um resto de veado e dois de javali o que não significa, porém, que tais espécies não existissem na época, na região; simplesmente, a prática da caça não faria parte dos hábitos destas populações sedentárias, essencialmente voltadas para o estuário do Tejo (a abundância de restos ictiológicos e malacológicos demonstra-o) e para o comércio marítimo.

Segundo as observações efectuadas por ALMAGRO-GORBEA (1977) no povoado tartésico de Medellín (Badajoz), o aumento da importância do gado bovino sobre o ovicaprino e, sobretudo, sobre a caça, indica uma tendência para formas de alimentação mais estáveis e melhor organizadas.

É interessante notar a ausência de porco doméstico; tal ausência não poderá ser considerada acidental, em 419 restos identificados, tornando aliciante a hipótese de se encontrar relacionada com a origem semítica destas populações. Na Rocha Branca (Silves), os restos de suídeos encontrados foram, também, atribuídos a javali (CARDOSO, neste volume). Em contextos fenícios foram reconhecidos exemplares selvagens estabulados ou semi-domesticados, em Toscanos e Málaga (BERNALDEZ-SANCHEZ, 1990).

No conjunto dos contextos fenícios publicados, boi e ovicaprinos são, tal como no Almaraz largamente dominantes, embora naqueles esteja representado, além do javali, o porco doméstico, a par de outras espécies mais, raras o burro (como na Rocha Branca, cf. CARDOSO, neste volume) e o cavalo (ALMAGRO-GORBEA, 1980, 1990).

7.2 Fauna malacológica e ictiológica

A escavação da fossa de detritos permitiu a recuperação de uma abundante amostragem de restos de peixes e conchas. Desta forma, pode afirmar-se, como seria natural, que a *pesca* teria um papel importante. Tal actividade encontra-se comprovada pela recolha de anzóis, pesos de rede, bem como por mais de 0,6 kg de restos ictiológicos (vértebras, escamas, etc.), onde estão representados, seguramente, *Sparidae* e raia.

A recollecção de moluscos teria também um expressivo papel na dieta (Quadro 3): recolheram-se na fossa de detritos cerca de 70 000 conchas, denunciando exploração de biótopos litorais diversos, desde os bancos vasosos do estuário (com *Ostrea edulis*, 10%), até às praias arenosas, com *Venerupis decussatus*, que constitui a espécie mais abundante (com 36%), *Cerastoderma edule* (4,5%) e *Solen marginatus* (3,5%), passando pelos trechos

Quadro 3

DISTRIBUIÇÃO DA FAUNA MALACOLÓGICA PELAS CAMADAS DE ENCHIMENTO DA FOSSA DE DETRITOS (Q.U45.3)

CAMADA	GRAMAS UNIDADES % PESO	VENERRUPIS DECUSSATUS (AMEIJOA)	CERASTODER-MA EDULE (BERBIGÃO)	MONODONTA LINEATA (CARAMUJO)	BÚZIOS (VÁRIAS ESPÉCIES)	SOLENI MARGINATUS (CANIVETE)	PATELA SP. (LAPA)	MYTILUS SP. (MEXILHÃO)	OSTREA EDULIS (OSTRA)	VENUS VERRUCOSA (VENUS)	PECTEN MAXIMUS (VIEIRA)	HELIX SP. (CARACOL)	DIVERSOS	TOTAL
62, 64 e 67	2063,1 286 14,7%	114,9 39 0,8%	139,6 51 1,0%	26,8 11 0,2%	32,2 38 0,2%	54,6 29 0,4%	1086,8 220 7,8%	311 34 2,2%	554,3 26 3,2%	447,7 113 3,2%	9206,4 24479 65,6%	103,7 359 0,7%	14041,1 25685 100%	
65 e 68	290,1 30 21,1%	26,9 9 2,0%	27,9 9 2,0%	2,9 2 0,2%	0 0 0	9,1 5 0,7%	408,7 109 29,7%	229,7 12 16,7%	45,6 4 3,3%	21,4 7 1,6%	289,4 766 21,1%	21,7 62 1,6%	1373,4 1015 100%	
72 e 75	4273,9 619 31,5%	188,8 69 1,4%	187,8 52 1,4%	16,7 10 0,2%	370,5 413 2,7%	39,2 24 0,3%	2266,2 811 16,7%	1228,9 92 9,1%	520,2 27 3,8%	187,2 72 1,4%	4198,7 13122 31,0%	67,4 250 0,5%	13545,5 15561 100%	
78, 79, 81, 82, 84, 85 e 86	12282,2 2319 50,6%	1854,8 669 7,6%	591,4 225 2,3%	11 11 0,1%	1244,4 1169 5,1%	250,8 151 1,0%	5024 2266 20,7%	1690,1 141 6,9%	492,5 38 2,0%	221,4 52 0,9%	539,1 1726 2,2%	41 74 0,6%	24188,7 7501 100%	
BANQUETA C. 3/4	217,6 40 6,4%	53,5 19 1,6%	0 0 0	7 1 0,2%	4,4 4 0,1%	3,8 1 0,1%	38,4 12 1,1%	2093,4 39 61,6%	775,6 32 22,8%	197,2 58 5,8%	0,2 2 0,1%	7,3 4 0,2%	3398,4 212 100%	
BANQUETA C. 5	509,3 82 25,3%	774 221 38,4%	10,9 4 0,5%	0 0 0	47,8 44 2,4%	8,8 3 0,4%	26,1 14 1,3%	439,4 8 21,8%	156,5 11 7,8%	39,3 6 1,9%	1,7 6 0,1%	0,5 1 0,1%	2014,3 400 100%	
MURO	9345,6 1122 42,9%	540,8 282 2,5%	196 61 0,9%	23,2 17 0,1%	1046,4 709 4,8%	235,1 179 1,0%	3282,2 1688 15,1%	1936,1 124 8,9%	609,4 29 2,8%	151,6 29 0,7%	4290,4 13849 19,7%	135,1 219 0,6%	21791,9 18308 100%	
TOTAL	28927,8 4498 36%	3553,7 1308 4,4%	1153,6 402 1,4%	87,6 52 0,1%	2745,7 2377 3,4%	601,4 392 0,7%	12132,4 5120 15,1%	79286 450 9,9%	3054,1 167 3,8%	1265,8 337 1,7%	18525,9 53950 23%	376,7 969 0,5%	80353,3 70022 100%	

mais rochosos, com predominância de *Mytilus* sp. (15% dos restos). Os caracóis terrestres (*Helix* sp.) eram, também, apreciados, atingindo 23% do total dos restos de moluscos.

8. Economia, cronologia e integração cultural

A presença de *Bos taurus*, que constituiria a componente mais importante da alimentação, sugere uma comunidade estável, sedentária, fixada permanentemente, ao longo do ano, na colina de Almaraz. A alimentação seria complementada com a pesca e a recollecção de marisco na área estuarina adjacente; a agricultura está também documentada pela presença de mós e de grainhas de uva, constituindo uma componente na alimentação cuja importância é difícil de avaliar.

É provável que parte do pescado pudesse ser destinado à exportação, como parece sugerir a elevada quantidade dos restos recolhidos, aparentemente desproporcionada relativamente aos restos mamalógicos. Teríamos, assim, a *salga de peixe* com uma actividade económica do Almaraz, a par da *exploração do sal*, que com ela se encontra intrinsecamente relacionada, o qual poderia constituir também produto de exportação; com efeito, sabe-se da importância que o sal desempenhava na Antiguidade e da dificuldade da sua produção no Mediterrâneo.

A *exploração das areias auríferas do Tejo* seria outra actividade provável, atendendo à importância que, desde pelo menos o Período Romano e até aos alvares da Idade Moderna, aquela exploração atingiu. Por outro lado, a *metalurgia* encontra-se bem documentada no Almaraz através de escórias (de ferro, seguramente, e bronze?) bem como da recolha de cadinhos de fundição.

Também os *produtos da terra*, como *vinho* e *azeite* poderiam constituir bens de troca, comerciados, como alguns dos produtos anteriormente referidos, em *contentores cerâmicos* que constituiriam outros tantos produtos produzidos localmente e exportados, embora indirectamente.

O quadro esboçado pressupõe intensos contactos comerciais por via marítima, com a bacia do Mediterrâneo. Tais contactos têm, por outro lado, expressão objectiva na elevada percentagem de cerâmicas fenícias importadas, de que avulta a *cerâmica de verniz vermelho*, constituindo o mais importante conjunto até agora dado a conhecer em Portugal.

Desta forma, é possível entrever uma escolha deliberada da colina de Almaraz, em função da actividade comercial por via marítima, estreitamente ligada ao Mundo Fenício. A provável existência de uma enseada

abrigada, na base nascente da colina, precisamente no local onde, séculos mais tarde, os Romanos estabeleceram uma fábrica de salga, torna plausível a hipótese de um pequeno porto, situação comum a estabelecimentos da costa andaluza como Toscanos (SCHUBART, 1982). A existência nas estruturas descritas de materiais de construção exógenos (blocos de basalto, granito e de xisto), sugere o reaproveitamento de lastros de embarcações que utilizassem o referido porto.

A largura do bordo dos pratos de verniz vermelho que ocorrem na camada mais antiga da bolsa de acumulação de detritos atinge, a par de outros menores, 72 mm. Trata-se de produção que poderá situar-se, segundo os elementos disponíveis para estabelecimentos do litoral andaluz e levantino, no fim do século VII — 1.^a metade do século VI a.C. (paralelos em Trayamar, Jardim, Guadalhorce e Toscanos — Fase IV) (SCHUBART, 1982). Esta conclusão concorda com a tipologia de alguns pratos de bordo mais largo — Forma P 3d de Huelva (RUFETE TOMICO, 1988/89)— considerada muito evoluída e preludiando, pelo perfil interno, muito marcado e verticalizado, formando carena, os pratos de pescado. Foi situada, naquela região, na 1.^a metade do século VI a.C.

A cronologia obtida não poderá, porém, ser considerada definitiva, considerando a escassa área escavada. Nada garante que noutros locais da jazida, venham a ser encontrados elementos sidéricos mais antigos¹. Tal questão levanta uma outra, a de saber se à ocupação do Bronze Final se sucedeu, em continuidade, a presença sidérica. Os elementos disponíveis sugerem que houve um hiato na ocupação do Almaraz entre aqueles dois momentos culturais. Com efeito, enquanto que na área de maior concentração de vestígios de Bronze Final faltam materiais da I Idade do Ferro, nos sectores onde estes ocorrem, assumem carácter quase exclusivo (Quadro 1). A nítida distribuição diferencial no terreno dos materiais respectivos, resulta a favor de tal hipótese, embora esta tenha de ser encarada com prudência, pelas razões apontadas em 3.

A questão do modo como se processou a sucessão cultural do Bronze Final para o início da I Idade do Ferro no povoado da desembocadura do

¹ Já com o presente trabalho em publicação recebemos datações radiocarbónicas do Plano 11 (Muro) com os seguintes resultados: ICEN 926 (ossos) — 910-790 CAL AC; ICEN 914 (conchas) — 900-780 CAL AC ambas com o intervalo de 2 sigma (a que correspondem os valores de, respectivamente, 2660 ± 50 BP e 2640 ± 50 BP. Estas amostras foram processadas pelo Eng. Monge Soares, ao qual agradecemos e inserem-se num projecto de investigação em curso no Laboratório de Isótopos Ambientais do ICEN (INETI).

rio Guadiaro (Cadiz), foi discutida por SCHUBART (1987). Tal como em Almaraz, observa-se uma nítida diferenciação entre a distribuição dos materiais cerâmicos de duas áreas da jazida, cuja relação poderia corresponder a dois modelos completamente diferentes:

«Según el primero, pudieron haber existido dos nucleos de poblado separados, uno, como poblado del Bronce Final, situado en la pendiente en el terreno de los cortes 1 y 2, y el segundo, en forma de un yacimiento fenicio, en el lugar del corte 3, directamente en la costa de la antigua bahía marítima» (*op. cit.*, p. 208).

A relação entre os dois «habitats» poderia corresponder a três possibilidades:

1 — a pouca distância do assentamento fenício, fixou-se um grupo autónomo, que rapidamente se deixaria influenciar por aquele. Esta hipótese, tanto em Guadiaro como em Almaraz, parece pouco provável, atendendo à fraca ou nula influência material sidérica denunciada nos núcleos indígenas de ambos os arqueossítios.

2 — a hipótese dos núcleos indígena e sidérico terem sido fundados ao mesmo tempo fica também prejudicada com o mesmo argumento. Em tal caso, seria lícito esperar maior presença de materiais fenícios desde o início, nos núcleos pré-históricos dos dois arqueossítios.

3 — a terceira hipótese afigura-se a Schubart, tal como aos signatários, a mais aceitável para explicar a situação observada, tanto em Guadiaro, como em Almaraz:

«aquí, en la bahía del Guadiaro, existiría primero un poblado del Bronce Final (...)» (*tal como em Almaraz*). «Luego hubieran llegado los fenicios (...) para establecerse o allí o algo más arriba del río o de la pendiente» (*op. cit.*, p. 208).

Porém, enquanto em Guadiaro se teria observado uma influência nítida do estabelecimento fenício sobre o povoado autóctone, denunciada nos estratos médios e, sobretudo superior, em Almaraz tal não se observa, a menos que estes tivessem sido erodidos. O estrato do Bronze Final assenta, como se disse, no substrato geológico, constituindo uma fina acumulação que não ultrapassa 10 cm, directamente sobreposta por materiais modernos.

Este modelo tem, contra si, a excessiva diferenciação verificada ao nível da cerâmica entre os dois núcleos habitacionais. Embora reconheçamos a rapidez com que novos produtos possam ser adoptados no quotidiano de uma dada comunidade, não é crível, a aceitar a continuidade cronológico-cultural entre os dois núcleos do Almaraz, que não ocorresse no mais

moderno, com maior expressão, os produtos cerâmicos utilizados anteriormente pelos mesmos indivíduos, sobretudo se atendermos aos mais de vinte mil fragmentos compulsados, que tornam representativa a amostragem. Tal facto abona, como atrás se referiu, a favor de uma descontinuidade temporal entre as duas ocupações e, portanto, contra o modelo descrito.

Em alternativa, será de aceitar a hipótese de um estabelecimento fenício, fundado nas proximidades do local onde, no Bronze Final teria existido um povoado, então já desaparecido? Embora seja prematuro dar resposta afirmativa a esta questão, antes que escavações mais extensas se façam no local, os elementos disponíveis concorrem a seu favor. Com efeito, a escolha de uma plataforma a cerca de 40 m de altitude, dominando todo o estuário do Tejo; e as possibilidades favoráveis oferecidas à acostagem de embarcações por uma enseada abrigada existente na base da colina, do lado nascente, são condições geomorfológicas comuns a estabelecimentos fenícios da costa andaluza e levantina (SCHUBART, 1982). O facto de Almaraz se ter fundado em uma plataforma, e não junto do litoral, como alguns da costa mediterrânea da Península Ibérica, pode explicar-se por condicionantes topográficas: à antiga praia, onde existiria o porto, logo se sucederia a arriba litoral; a construção na ante-praia ficaria, desta forma, inviabilizada, obrigando à subida da arriba onde, logo na primeira plataforma, se reuniriam as condições adequadas à fixação. Ao contrário do verificado no litoral andaluz e levantino, o assoreamento natural do estuário, na área adjacente, não terá sido importante, mercê das vigorosas correntes de maré, que impedem a sedimentação.

Condições geomorfológicas semelhantes — em colinas isoladas no alto ou na encosta — têm, aliás, os estabelecimentos fenícios do Cerro del Prado, na embocadura do rio Guadarranque (ARTEAGA *et al.*, 1988, Abb.6) e Montilla (ARTEAGA *et al.*, 1988, Abb.5). No topo de um esporão, idêntico ao de Almaraz, situa-se o estabelecimento fenício de Rio Antas (ARTEAGA *et al.*, 1988, Abb.3, n.º 7).

Em conclusão, dispomos de elementos que mostram que a situação topográfica do Almaraz tem equivalente em outros estabelecimentos fenícios peninsulares. Um dos paralelos mais interessantes é constituído pelos povoados de Toscanos e de Alarcón. Sobre uma colina, então situada 18 m acima do nível do mar, dominando do lado direito a embocadura do rio de Vélez, situava-se o estabelecimento fenício de Toscanos. A Nordeste do povoado, numa pequena baía lateral do então amplo estuário, situava-se o porto. No decurso do século VII a.C., a ocupação humana estendeu-se às colinas do Peñón (cerca de 95 m de altitude) e de Alarcón (cerca de 80 m

de altitude), dominando, do mesmo lado, a embocadura do rio e Toscanos (SCHUBART, 1988b, Abb.1). Em Alarcón, foi comprovada a construção de uma muralha arqueada cerca de 600 anos a.C., destinada à protecção dos arqueosítios referidos (SCHUBART, 1988a,b). Tal muralha foi já referida, em 5.3, a propósito da do Almaraz.

Se as condições geomorfológicas e topográficas não inviabilizam a hipótese do Almaraz se tratar de um estabelecimento fenício, antes a reforçam, as restantes condições, postuladas por SCHUBART (1988a), essencialmente do âmbito económico, também se verificam. Com efeito, para aquele autor, os estabelecimentos fenícios apoiar-se-iam em uma base económica constituída pela agricultura (vinho, azeite) e criação de gado, bem documentadas no Almaraz, com forte ligação ao «hinterland».

A metalurgia, conquanto esteja deficientemente documentada nos estabelecimentos fenícios, pela própria precaridade de conservação dos restos (embora seja nítida nalguns, como em Morro de Mezquitilla, SCHUBART, 1985), encontra-se presente em Almaraz, onde se comprovou a metalurgia do ferro e provavelmente, a do bronze. O ferro é um metal que, segundo SCHUBART (1988b) foi pela primeira vez reduzido na Península Ibérica pelos Fenícios, o que lhes conferia situação de poder

«singularmente favorable, que explica la enorme importancia de la colonización fenicia y su grande influencia economica y cultural» (SCHUBART, 1988a, p. 41).

Assumem, assim, grande interesse, os achados comprovando a metalurgia do ferro em Almaraz, evidenciando o papel de relevo na economia regional desempenhado pelos seus habitantes, e reforçado pelas restantes actividades económicas descritas no início deste capítulo, de carácter marcadamente comercial e marítimo, como convinha a um estabelecimento fenício. A tal hipótese, o estudo global das cerâmicas agora iniciado pelo grupo considerado mais característico da presença fenícia poderá conferir mais credibilidade, como bem acentuou SCHUBART (1982, p. 73),

«La diferencia entre un asentamiento de comerciantes y un poblado indigena, de influencia fenicia, no debe estar de ningún modo establecida en base a una o algunas piezas aisladas, sino sólo en base al ancho espectro total de hallazgos».

Nesta medida, o conjunto das cerâmicas de verniz vermelho do Almaraz —que, repetimos, constitui a série mais numerosa estudada até ao presente em Portugal— fornece indicador precioso. Nela estão representados exemplares claramente importados (CARDOSO, 1990), a par de outros, de imitação,

bem como formas de carácter regional, não representadas em Huelva, documentando uma das actividades económicas consideradas no âmbito dos estabelecimentos fenícios peninsulares (SCHUBART, 1988a): o fabrico da cerâmica ao torno rápido.

Outros arqueossítios recentemente escavados em Portugal, como a Rocha Branca e Abul (comunicações de M. Varela Gomes e de F. Mayet e Carlos Tavares da Silva neste volume) apontam, também, para a efectiva existência de estabelecimentos fenícios, até há bem pouco tempo não reconhecidos como tal, na costa portuguesa.

*

Os trabalhos de campo foram efectuados por dois dos signatários L.B. e A.S. e Vítor Santos; contaram com a participação de Urbano Antunes (CPC/88), Fátima Cândido (OTJ), José Cavaco (MMA), Maria Fernanda Barros (MMA), Hélia Fernandes (OTL), Ana Ferreira (OTJ), Sónia Gonçalves (OTL), Pedro Nunes (CPC/88), Carla Pereira (OTL), Sandra Pereira (OTL), Esmeralda Rodrigues (CPC/88), Paulo Espírito Santo (MMA), Cidália Silva (OTJ), Alexandra Soares (CPC/88) e João Valente (CAA).

Os desenhos das peças são da autoria de Armando Sabrosa; os quadros estatísticos foram tratados por Cidália Silva e Maria José Espinhal.

Os autores agradecem ao Professor Doutor António Augusto Tavares o convite para participarem neste encontro. Agradecem igualmente ao Dr. Luís Pequito Antunes, responsável pela Divisão de Museus da Câmara Municipal de Almada e ao Centro de Arqueologia de Almada pela colaboração e facilidades concedidas.

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO-GORBEA, M. (1977) — *El Bronce Final y el período orientalizante en Extremadura*. Bibliotheca Praehistorica Hispana, 14, 543 p.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1980) — Interpretación Cultural, in *Excavaciones en Cerro de Ecce Homo*, Alcalá de Henares, Madrid. *Arqueología*, 2, 128 p., Dip. Prov. Madrid.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1990) — El período orientalizante en Extremadura, in *La Cultura Tartésica y Extremadura*, pp. 85-125, Museu Nacional de Arte Romano, Merida.
- ARTEAGA, O.; HOFFMANN, G.; SCHUBART, H. & SCHULTZ, H. D. (1988) — Geologische-archaologische Forschungen zum Verlauf der andalusischen Mittelmeerküst, *Madriider Beiträge*, Band 14, pp. 107-126.
- BERNALDEZ-SANCHEZ, E. (1990) — Estudio faunístico de la excavación de San Agustín-86 en la ciudad de Malaga, in Angelo Recio Ruiz, *La cerámica fenicio-punica, griega y etrusca del sondeo de San Agustín (Malaga)*. Col. Monografías, 3, pp. 167-173, Dis. Prov. Malaga.
- CARDOSO, J. L. (1990) — A presença oriental no povoamento da I Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo. *Estudos Orientais*, 1 (Presenças Orientalizantes em Portugal da Pré-História ao Período Romano), pp. 119-134. Instituto Oriental, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- CARDOSO, J. L. (neste volume) — Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto fenício: estudo dos restos da Rocha Branca (Silves).
- DELPECH, F. (1973) — Signification paléoclimatique des associations d'herbivores reconnues dans un gisement archéologique, *Bull. Soc. Préhist. Franc.*, 70:187-189.
- MATA, Diego Ruiz (1988) — El castillo de Doña Blanca: yacimiento clave de la protohistoria peninsular, *Revista de Arqueología*, 85, Maio 1988, Madrid.
- MOTES, J. Maluquer de & AUBET, M.^a E. (1981) — *Andalucía y Extremadura*. CSIC, Univ. Barcelona, Departamento de Prehistoria y Arqueología, 409 p. Barcelona.
- ORTA, E. M. & GARRIDO, J.P. (1963) — La tumba orientalizante de La Joia, *Trabajos de Prehistoria*, 11, 36 p.
- RUFETE TOMICO, P. (1988-89) — Las cerámicas con engobe rojo de Huelva, *Huelva Arqueológica*, 10-11 (3), pp. 11-40.
- SCHUBART, H. (1982) — Asentamientos fenicios en la costa meridional de la Peninsula Iberica. *Huelva Arqueologica*, 6, pp. 71-79.
- SCHUBART, H. (1985) — Morro de Mezquitilla. Informe preliminar sobre la campaña de excavaciones de 1982 realizada en el asentamiento fenicio cerca de la desembocadura del río Algarrobo, *Noticiario Arqueologico Hispanico*, 23, pp. 143-174.

- SCHUBART, H. (1987) — Hallazgos fenicios y del Bronce Final en la desembocadura del río Guadiaro (Cadiz). *Anuario Arqueologico Andalucía* — 1986, pp. 200-227.
- SCHUBART, H. (1988a) — Los primeros asentamientos fenicios en las costas de la Peninsula Iberica. *Homenatge a Henric Pla i Ballester*, pp. 31-44, Diputació de València, Servei d'Investigació Prehistorica.
- SCHUBART, H. (1988b) — Alarcón, Vorbericht über die Grabungs-Kampagne 1984 im Bereich der phönizischen Siedlung und der Befestigungsmaner. *Madridrer Beiträge*, Band 14, pp. 172-188.
- SILVA, C. T.; SOARES, J.; BEIRÃO, C. Mello; DIAS, C. M.; & COELHO-SOARES, A. (1980-81) — Escavações arqueológicas no castelo de Alcácer do Sal (Campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*, 6/7, pp. 149-218.

CATÁLOGO

Na descrição das peças foram usados os seguintes critérios:

- 1) Medidas — diâmetro da boca (db); altura da peça (h); altura da carena, medida entre o bordo e esta (hc); diâmetro da base, medida no anel (df); largura do bordo (lb, quando completo ou lmb, largura mínima do bordo quando fragmentado). Para os fundos utilizou-se ainda a altura interior da carena (hci).
- 2) Cor — Para a descrição das cores, quer da pasta quer do engobe, foi utilizada a tabela de MUNSSELL sendo designado o local de tomada de cor da seguinte forma: cor da superfície (cs); cor da superfície interna (csi); cor da superfície externa (cse); cor da pasta (cp).
- 3) Brilho — Para a descrição do brilho do engobe (e) utilizaram-se os termos brilhante (superfícies bem a muito bem espelhadas), semi-mate (superfícies deficientemente espelhadas) e mate (superfícies baças).

PRATOS

- MMA 5238 — Cam. 3/4 (banq.) db 238 mm; lb 76 mm; cs 10 R 4/7; cp 5 YR 4/7; e. brilhante.
MMA 5312 — Cam 82; db 263 mm; lb 55 mm; cs 10 R 4/6; cp 5 YR 6/4; e. semi-mate.
MMA 4446 — Cam 3/4 (banq.); db 272 mm; lb 61 mm; cs 10 R 4/6; cp 10 R 5/4; e. semi-mate.
MMA 4250 — Cam. 86; db 252 mm; lb 53 mm; cs 10 R 4/5; cp 10 5 4/1; e. semi-mate.
MMA 3980 — Cam 79. db 258 mm; h 39 mm; lb 70 mm; cs 10 R 4/6; cp 5 YR 5/4; e. semi-mate.
MMA 5141 — Cam. 84; db 249 mm; lmb 71 mm; cs 5 YR 5/7; cp 5 YR 5/4; e. semi-mate.
MMA 4447 — Cam 5 (banq.); db 254 mm; lmb 44 mm; cs 5 YR 5/7; cp 5 YR 4/7; e. semi-mate.
MMA 4537 — Cam. 3 (banq.); db 298 mm; lb 29 mm; cs 10 R 4/7; cp 10 R 6/7; e. semi-mate.
MMA 5126 — Cam. 85; db 296 mm; lb 30 mm; cs 10 R 6/5; cp 10 R 4/7; e. mate.
MMA 4000 — Cam. 64; db 227 mm; lmb 53 mm; cs 5 R 3/5; cp 5 YR 6/4; e. semi-mate.
MMA 4508 — Cam., 3/4 (banq.); db 232 mm. lmb 55 mm; cs 10 R 4/7; cp 5 YR 5/7; e. semi-mate.
MMA 5327 — Cam. 5 (banq.); db 183 mm; lmb 44 mm; cs 10 R 4/7; cp 5 YR 6/4; e. brilhante.
MMA 4248 — Cam. 86; lmb 63 mm (o bordo do prato foi obtido por abrasão, tornando-o recto); cs 10 R 4/7; cp 5 YR 6/4; e. semi-mate.
MMA 4520 — Cam. 3/4 (banq.); lb 56 mm; cs 10 R 4/7; cp 5 YR 4/4; e. mate.
MMA 4817 — Cam. 67; lmb 56 mm; cs 10 R 3/5; cp 10 R 6/4; e. semi-mate.
MMA 4516 — Cam. 3/4 (banq.); lmb 49 mm; cs 5 YR 4/6; cp 5 YR 5/5; e. mate.
MMA 5326 — Cam. 5 (banq.); lmb 66 mm; cs 5 YR 4/5; cp 5 YR 6/4; e. semi-mate.
MMA 4866 — Cam. 75; lb 75 mm; cs 5 YR 5/6; cp 5 YR 5/4; e. semi-mate.
MMA 4738 — Sup.; lb 58 mm; cs 10 R 4/8; cp 10 R 6/4; e. semi-mate.
MMA 4719 — Cam. 61; lb 66 mm; cs 5 R 4/5; cp 5 YR 5/5; e. brilhante.
MMA 4512 — Cam. 3/4 (banq.); lmb 46 mm; csi 10 R 4/7; cse 5 YR 5/6; cp 5 YR 5/5; e. semi-mate.
MMA 4506 — Cam. 3/4 (banq.); lmb 27 mm; cs 10 R 4/7; cp 10 R 6/6; e. brilhante (só int.).
MMA 4720 — Cam. 59; lb 36 mm; cs 5 YR 5/5; cp 10 YR 5/5; e. semi-mate.
MMA 4173 — Cam. 79; lmb 31 mm; cs 5 YR 4/4; cp 10 R 5/3; e. brilhante (só ext.).
MMA 4179 — Cam. 3/4 (banq.); db 240 mm; h 57 mm; lb 68 mm; df 70 mm; csi 10 R 4/7; cse 5 YR 5/7; cp 5 YR 5/6; e. semi-mate.
MMA 4335 — Cam. 3/4 (banq.); df 50 mm; h 31 mm; cs 5 R 4/7; cp 5 YR 5/4; e. brilhante.

TAÇAS CARENADAS — Tipo A

- MMA 5237 — Cam. 3/4 (banq.); db 315 mm; hc 33 mm; cs 5 YR 4/6; cp 10 YR 6/7; e. mate.
MMA 4218 — Cam. 86; Db 290 mm; hc 32 mm; csi 10 R 4/2; cse 5 YR 2/2; cp 10 R 6/6; e. brilhante.
MMA 4253 — Cam. 3/4 (banq.); db 276 mm; hc 32 mm; cs 10 YR 6/4; cp 5 YR 4/6; sem engobe.
MMA 5152 — Cam. 3/4 (banq.); db 280 mm; hc 27 mm; csi 10 YR 5/4; cse 10 R 4/7; cp 10 R 4/4; e. semi-mate.
MMA 4547 — Cam. 3/4 (banq.); db 218 mm; hc 25 mm; cs 5 YR 5/7; cp 5 Y 4/1; e. semi-mate.
MMA 4870 — Cam. 78; db 181 mm; hc 19 mm; cs 5 YR 5/7; cp 10 R 4/4; e. mate.
MMA 5330 — Cam. 5 (banq.); db 183 mm; hc 27 mm; cs 5 YR 4/4; cp 5 YR 5/5; e. brilhante.
MMA 5331 — Cam. 5 (banq.); db 175 mm; hc 20 mm; cs 10 R 4/7; cp 5 YR 6/4; e. brilhante.
MMA 4889 — Cam. 86; hc 38 mm; cs 5 YR 5/6; cp 10 R 6/7; e. semi-mate.
MMA 4106 — Cam. 86; hc 26 mm; cs 5 YR 4/4; cp 5 YR 5/7; e. brilhante.
MMA 4518 — Cam. 3/4 (banq.); hc 22 mm; cs 10 R 4/7; cp 10 R 5/4; e. semi-mate.
MMA 4053 — Cam. 3/4 (banq.); hc 28 mm; cs 5 YR 5/5; cp 10 R 6/5; e. brilhante.

TAÇAS CARENADAS — Tipo B

- MMA 4519 — Cam. 3/4 (banq.); db 328 mm; hc 26 mm; cs 10 R 4/6; cp 10 R 6/7; e. semi-mate.
MMA 4139 — Cam. 3/4 (banq.); db 156 mm; h 49 mm; df 42 mm; hc 26 mm; cs 10 R 4/7; cp 5 YR 5/5; e. brilhante.
MMA 5236 — Cam. 3/4 (banq.); db 192 mm; hc 25 mm; cs 10 R 4/7; cp 10 R 6/9; e. mate.
MMA 4008 — Cam. 64; db 201 mm; hc 22 mm; cs 10 R 4/6; cp 5 YR 5/4; e. brilhante.
MMA 4125 — Cam. 79; db 203 mm; hc 16 mm; cs 5 YR 5/6; cp 5 YR 5/5; e. semi-mate.
MMA 5243 — Cam. 3/4 (banq.); db 158 mm; h 51 mm; hc 22 mm; df 51 mm; cs 10 R 4/7; cp 10 YR 5/4; e. semi-mate.
MMA 4182 — Cam. 2/3 (banq.); df 73 mm; hci 37 mm; cs 5 YR 5/7; cp 10 R 6/7; e. mate.
MMA 4236 — Cam. 86; df 74 mm; hci 46 mm; cs 5 YR 4/6; cp 10 YR 6/2; e. mate.
MMA 4206 — Cam. muro; df 83 mm; hci 29 mm; cs 5 R 4/7; cp 5 YR 5/4; e. brilhante.

TAÇAS EM CALOTE

- MMA 4878 — Cam. 81; db 314 mm; csi 1 YR 5/5; cse 10 R 5/5; cp 5 R 5/5; e. mate (só ext.).
MMA 5297 — Cam. 4/5 (banq.); cs 5 YR 5/6; cp 5 YR 5/5; e. semi-mate.
MMA 4443 — Cam. 3/4 (banq.); csi 10 YR 5/6; cse 10 R 4/8; cp 10 R 6/5; e. mate.
MMA 4451 — Cam. 5 (banq.); cs 10 R 5/6; cp 5 YR 6/5; e. semi-mate (só int.).
MMA 4128 — Cam. 78; cs 5 YR 5/5; cp 5 YR 5/6; e. semi-mate.
MMA 4069 — Cam. 67; cs 10 R 6/7; cp 5 B 7/1; e. mate.

VASOS — Tipo A

- MMA 4044 — Cam. 82; db 188 mm; cs 5 YR 5/6; cp 5 YR 5/4; e. brilhante.
MMA 4119 — Cam. 75; db 187 mm; cs 5 YR 5/6; cp 5 YR 5/6; e. semi-mate.

VASO — Tipo B

- MMA 5341 — Cam. 3/4 (banq.); cs 10 R 6/7; cp 10 R 5/4; e. semi-mate.

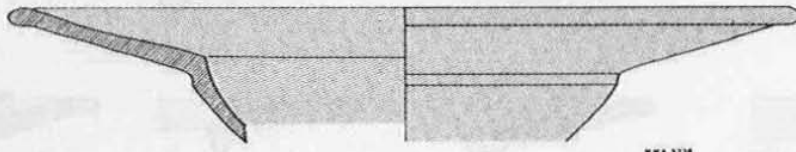
TAÇAS DE PÉ

- MMA 4203 — Cam. 82; db 273 mm; h 75 mm; hc 16 mm; cs 5 YR 5/6; cp 5 YR 5/5; e. brilhante.
- MMA 4337 — Cam. 5 (banq.); db 295 mm; hc 20 mm; cs 10 R 6/6; cp 10 R 5/6; e. semi-mate.
- MMA 4505 — Cam. 3/4 (banq.); db 291 mm; hc 14 mm; cs 10 YR 6/5; cp 5 YR 5/8; sem engobe.
- MMA 5351 — Cam. 85; db 316 mm; hc 17 mm; cs 10 R 4/6; cp 5 YR 5/4; e. brilhante.
- MMA 5153 — Cam. 3/4 (banq.); db 288 mm; hc 12 mm; cs 10 R 4/7; cp 10 R 5/5; e. semi-mate.
- MMA 4673 — Cam. 84; db 198 mm; hc 13 mm; cs 5 YR 4/5; cp 5 YR 5/6; e. brilhante.
- MMA 5127 — Cam. 85; db 188 mm; hc 13 mm; cs 5 YR 5/7; cp 5 YR 6/4; e. semi-mate.
- MMA 4662 — Cam. muro; hc 18 mm; cs 10 R 4/7; cp 10 R 6/6; e. brilhante.
- MMA 5146 — Cam. 72; cs 10 R 4/8; cp 5 YR 5/7; e. brilhante.

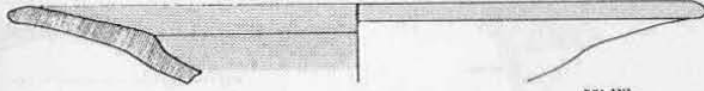
OUTRAS FORMAS

- MMA 4814 — Cam. 67; db 196 mm; cs 10 YR 5/5; cp 5 YR 5/6; e. mate.
- MMA 5182 — Cam. 75; db 206 mm; cs 10 R 4/7; cp 10 R 6/7; e. mate.
- MMA 4828 — Cam. 3/4 (banq.); cs 10 R 4/7; cp 5 YR 5/5; e. semi-mate.
- MMA 5305 — Cam. 5 (banq.); cs 10 R 4/6; cp 5 YR 4/6; e. brilhante.

1. PRATOS



NMA 3238



NMA 3312



NMA 4448



NMA 4590



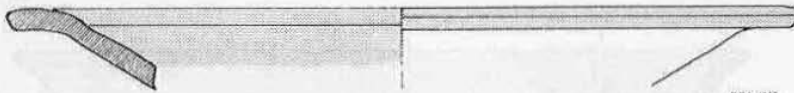
NMA 3580



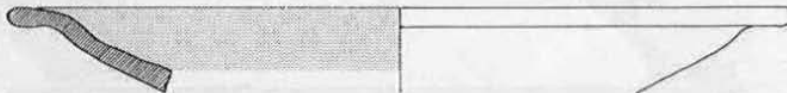
NMA 5101



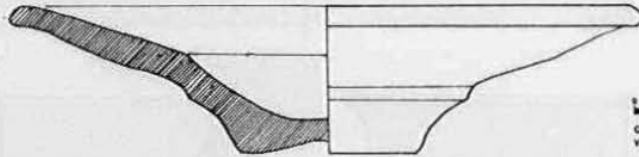
NMA 4487



NMA 4537



NMA 5128



NMA 4000

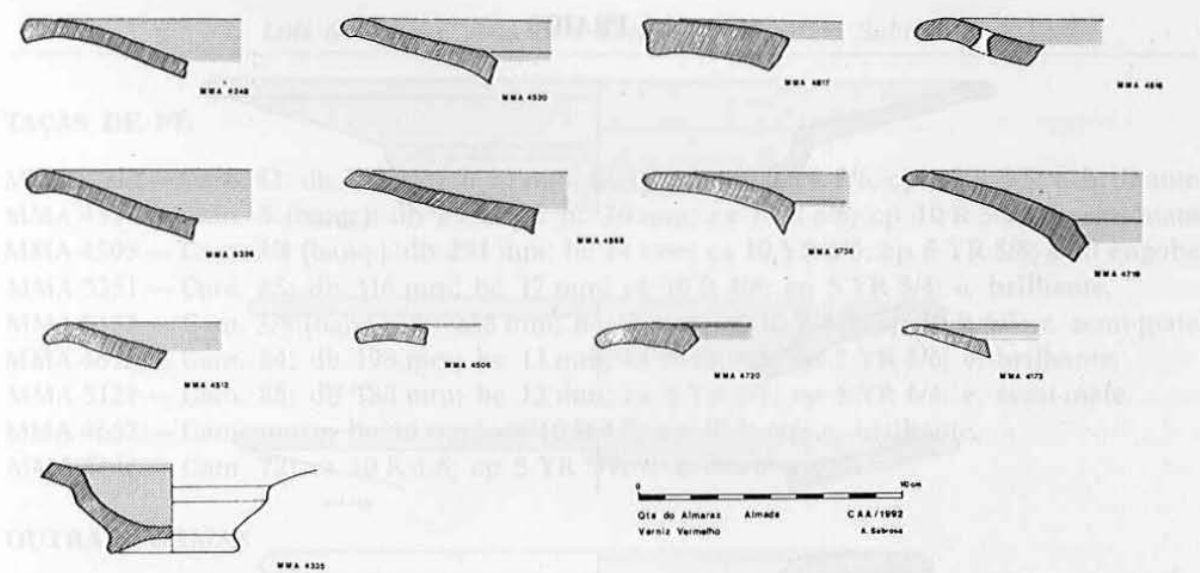


NMA 4508

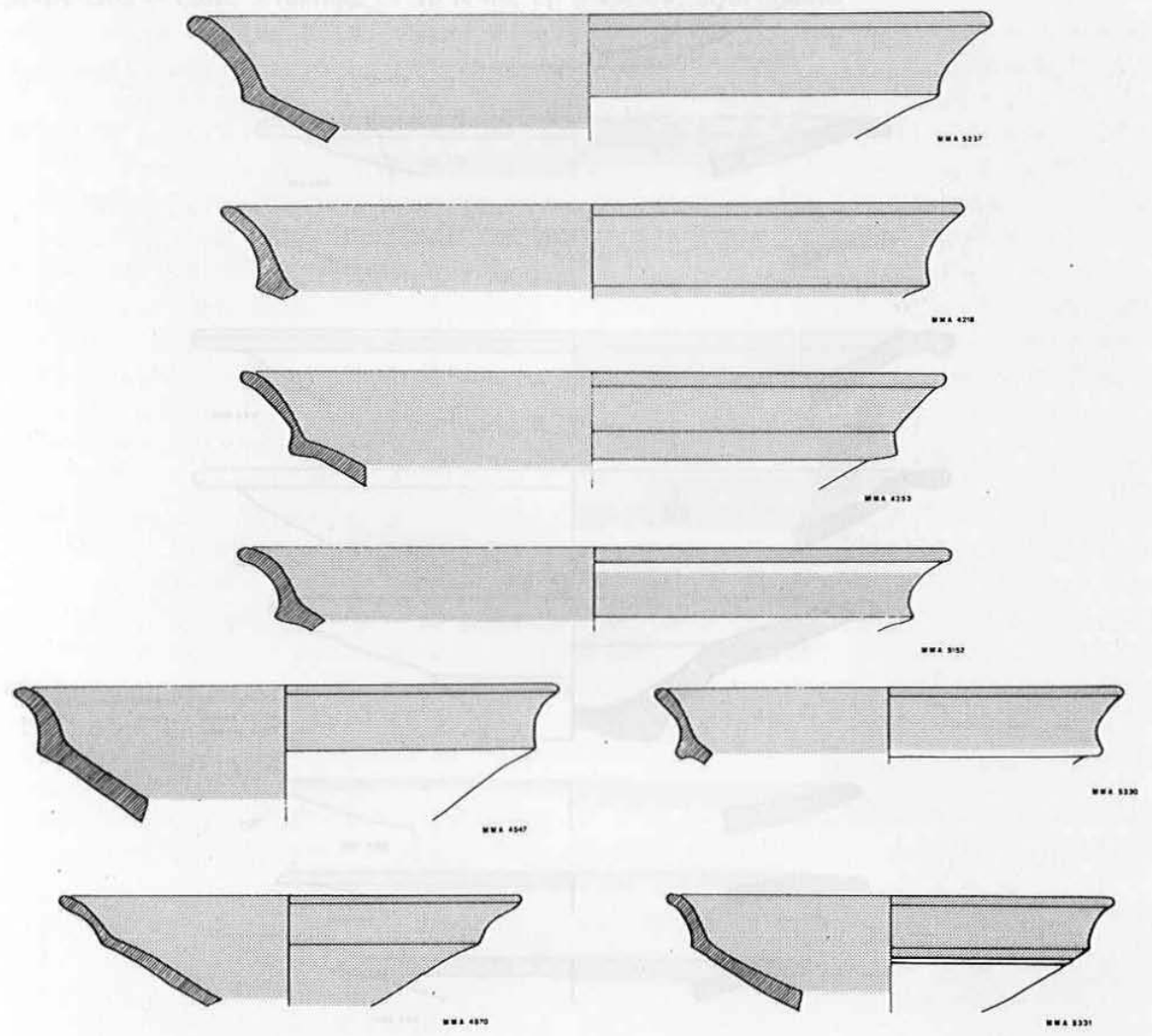


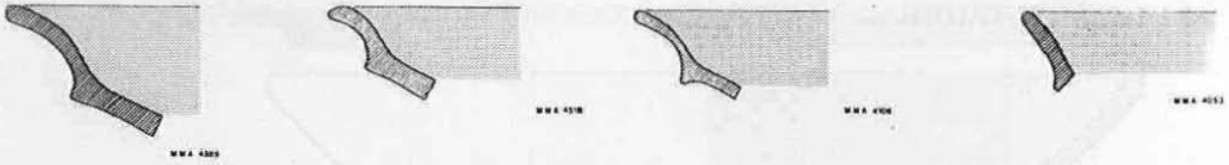
NMA 5227



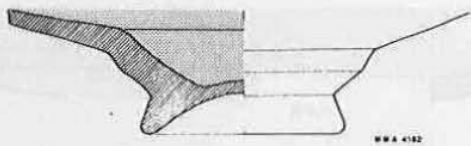
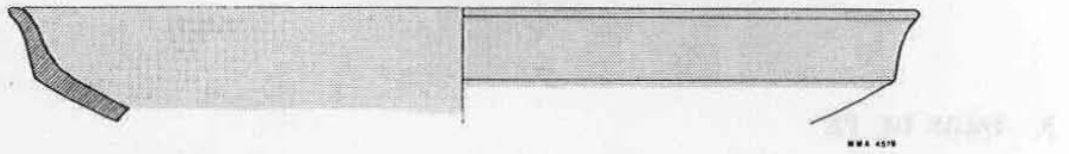
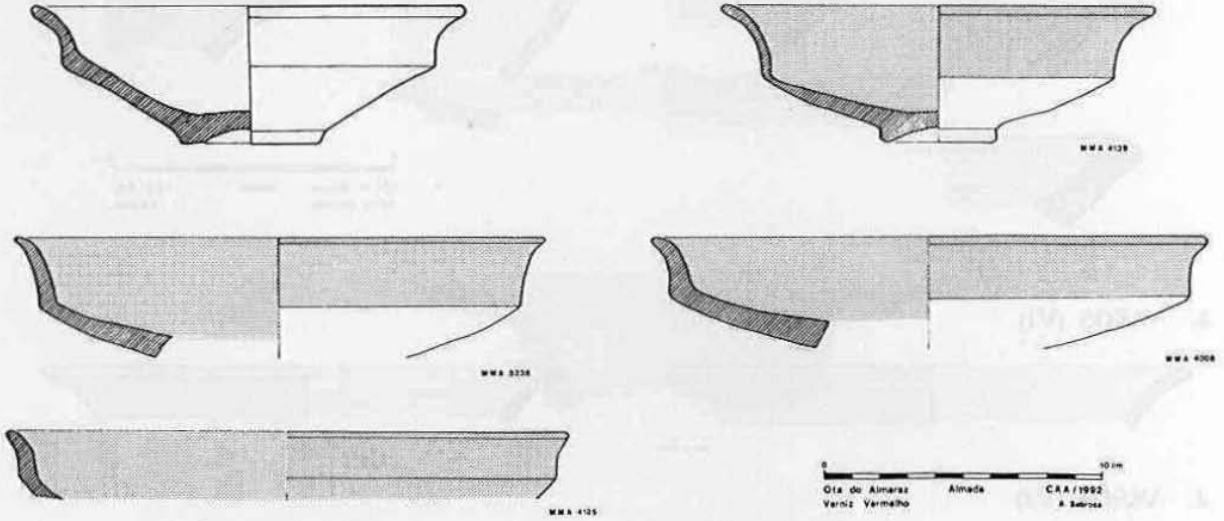


2.1 TAÇAS CARENADAS TIPO A

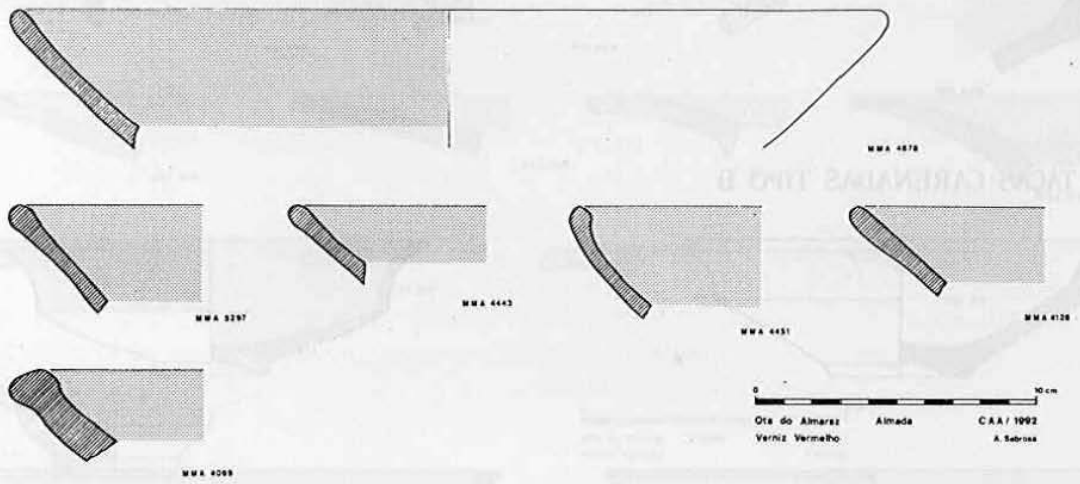




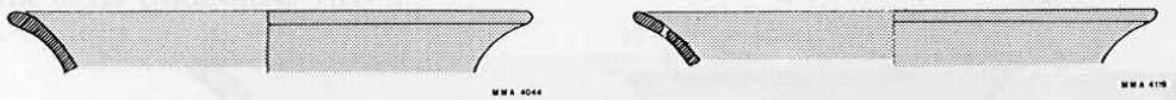
2.2 TAÇAS CARENADAS TIPO B



2.3 TAÇAS EM CALOTE



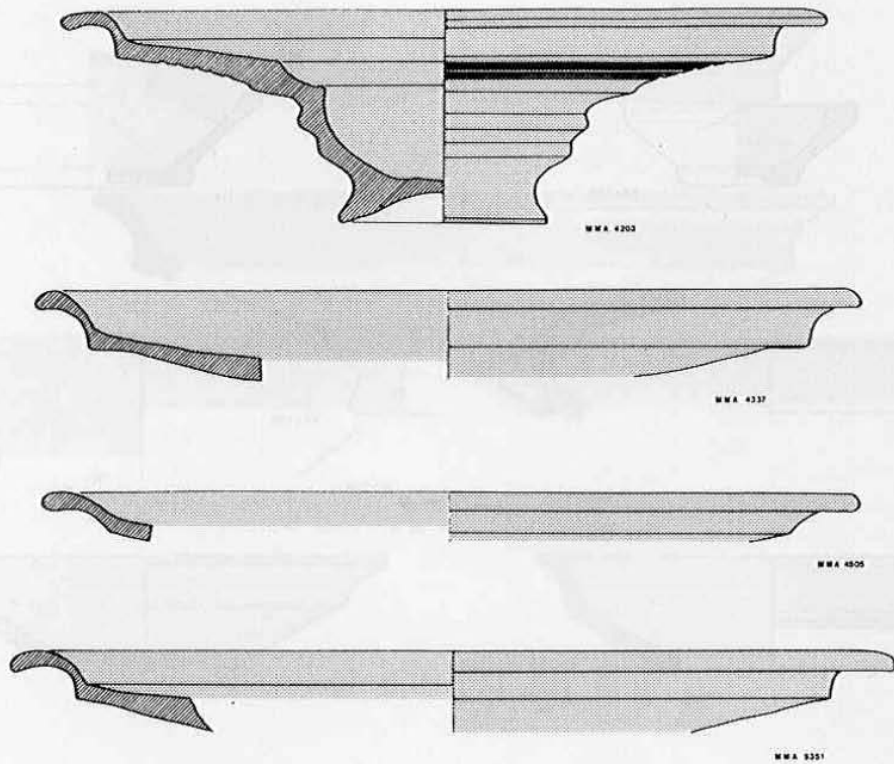
3. VASOS (V1)



4. VASOS (V2)



5. TAÇAS DE PÉ





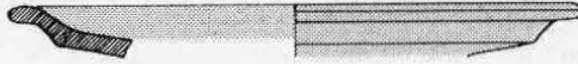
MMA 3153



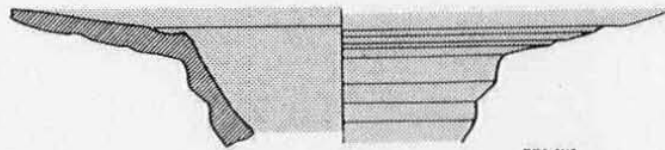
MMA 4673



MMA 4682



MMA 3137



MMA 3146



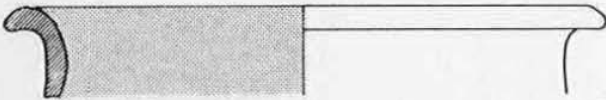
Ota do Almaraz
Verniz Vermelho

Almada

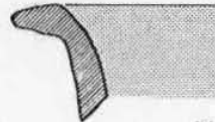
CAA/1992

A. Sabrosa

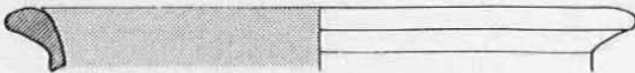
6. OUTRAS FORMAS



MMA 4814



MMA 4826



MMA 3182



MMA 3205